

Eleição - Presidencial **Feitores do voto**

Na hora de ajeitar o pacote eleitoral e dar asas à especulação para o mapeamento dos interesses e das vantagens, brotam como girinos nos lagos e brejos os sabidos que se consideram donos do voto, peritos nas manhas para enganar o eleitor, senhores de todas as trampas, que manipulam os acertos para a maratona clássica do remendos na legislação para a rodada de urna da vez.

Como o descaro se enrosca em espiral, poucas vezes se terá assistido a show de mais explícito cinismo do que o picadeiro da Câmara oferece ao distinto público, com as piruetas da maioria e os contorcionismos da minoria para ajustar as normas que devem regular a eleição de 98 aos figurinos do elenco.

Ressalvadas as exceções de praxe, cada um pensa em si, em primeiro lugar e, em alguns casos, secundariamente, faz as contas dos lucros e perdas para seu partido e seus prováveis parceiros na aventura do voto. Afinal, a simultaneidade de cinco eleições, se não obriga a vinculação partidária, sempre influi - às vezes, muito -, no destino dos passageiros do mesmo barco de casco podre.

Cabe a alegação de que política é assim mesmo, sempre foi, e ninguém empurra a brasa para fritar a sardinha do inimigo. O que espanta é a violação dos limites éticos no salve-se quem puder da gincana dos espertos. As tabelas para o rateio dos minutos e segundos no privilégio do horário de propaganda não disfarçam o cálculo maroto dos que se habituaram a levar vantagem sem incômodos constrangimentos morais. E a desfaçatez permeia os arranjos entre contrários, subitamente reunidos no ponto para dividir o ganho das sortidas do dia. Não houve clima para discussão séria de norma permanente, acima das aflitivas preocupações com a renovação dos mandatos.

Todos falam em nome do eleitor, que declaram representar na plena identificação com o sentimento popular. Por aí passa o desfile das tolices e o curso dos falsos malandros.

O auto-lançamento da candidatura de Ciro Gomes, de inspirações mal explicadas desde as origens cearenses, alvoroçou os vencedores da véspera, que têm como favas armazenadas nos silos das pesquisas, a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. Reelection que necessita ser sacramentada por maioria absoluta no primeiro turno, dispensando a maçada cansativa da decisão mo mano mano do segundo turno.

Pinçada a ponta do fio, a avaliação se desdobra em desenho caprichoso. Ciro precisa ser agasalhado pelas penas tucanas para não atrapalhar a receita do gosto presidencial, provada na eleição de 94. A repetição da dose promete o bis do sucesso: FH versus Lula, na bipolarização ideológica que já rendeu duas vitórias ao mesmo lado e a dupla provação da esquerda.

O diabo é que, de uma banda e da outra, desobediências de marmanjos, que não aprenderam na escola a respeitar o bedel, provocam grande balbúrdia em sala.

Até que a esquerda em transe ensaia o ajuste no projeto da reeleição. No Encontro Nacional do fim de semana, o PT deve ter suficiente juízo para deixar clara sua decisão de amarrar a legenda na candidatura de Lula, o melhor puxador de votos entre as que se ofertam como alternativas de risco.

O ex-presidente José Sarney coloca-se à disposição do seu partido para tentar safar o PMDB do buraco em que se afunda. Itamar Franco caça de espera.

Os que falam em nome do eleitor parece que se esqueceram de combinar com ele. E é o eleitor quem, no balanço da campanha, define a polarização. No segundo turno, como em 89, quando qualificou Collor e Lula para a decisão. Ou, como em 94, queimando etapa e decidindo a parada no primeiro turno. Nos dois casos, eliminando favoritos e improvisando confrontos inesperados. Collor foi o fenômeno eleitoral de 89; Fernando Henrique escalou o êxito da estabilidade econômica. E Lula carpiu o destino da opção à esquerda, consolidando o modelo que deve ser submetido ao terceiro teste. Em turno único ou em dois. Depende do eleitor.

Repórter político do JORNAL DO BRASIL